

Representações metropolitanas do(s) Outro(s) colonizado(s) nas fotografias da *campanha do Cuamato* de 1907 no sul de Angola¹

Hugo Silveira Pereira²

Recibido: 4 de mayo de 2020 / Aceptado: 17 de junio de 2020 / Publicado: 3 de julio de 2020

Resumo. Em 1907, uma campanha militar portuguesa dirigiu-se ao sul de Angola para submeter os povos locais. Entre os expedicionários, seguiam dois fotógrafos que registaram vários momentos das manobras e diversos aspetos da paisagem e dos nativos, que foram mais tarde divulgados na imprensa. Neste artigo, analiso estas imagens no âmbito da relação entre o Eu europeu e o(s) Outro(s) africanos. Mostro como as imagens contribuíram para uma desigual relação de poder entre colonizador e colonizado, através da solidificação da representação do primitivismo do africano, como condição imprópria, que justificava a ação civilizadora do europeu.

Palavras-chave: fotografia; iconografia; relações Eu-Outro; colonialismo; imperialismo.

[en] Metropolitan Representations of the Colonised Other(s) in the Photographs of the 1907 Campaign of the Cuamato in the South of Angola

Abstract. In 1907, a Portuguese military campaign arrived in southern Angola to subdue the local peoples. Among the soldiers, followed two photographers, who recorded different moments of the manoeuvres and various aspects of the landscape and the natives, which were later published in the press. In this article, I analyse these images in the context of the relationship between the European Self and the African Other(s). I show how the images contributed to an unequal power relationship between colonizer and colonized, by solidifying the representation of African primitivism, as an improper condition, which justified the European's civilizing action.

Keywords: Photography; Iconography; Self-Other Relationship; Colonialism; Imperialism.

Sumário. 1. Introdução: objeto de estudo, objetivos, metodologia e fontes. 2. O(s) Outros(s) da *campanha do Cuamato* pelo olhar da fotografia. 3. Conclusão. 4. Siglas. 5. Fontes e referências bibliográficas.

Como citar: Pereira, Hugo Silveira. “Representações metropolitanas do(s) Outro(s) colonizado(s) nas fotografias da *campanha do Cuamato* de 1907 no sul de Angola”. Em *Guerra y alteridad. Imágenes del enemigo en la cultura visual de la Edad Media a la actualidad*, editado por Borja Franco Llopis. Monográfico temático, *Eikón Imago* 15 (2020): 313-339.

¹ Este trabalho foi financiado pela moldura legal criada pelo decreto-lei 57/2016 e lei 57/2017 no âmbito do CIUHCT (UID/HIS/00286).

² Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (Universidade NOVA de Lisboa); Honorary Visiting Fellow: Institute of Railway Studies (University of York).
E-mail: hjs.pereira@fct.unl.pt
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7706-2686>

1. Introdução: objeto de estudo, objetivos, metodologia e fontes

Em meados de 1907, uma força militar portuguesa foi mobilizada no interior sul de Angola para pacificar o território dos kwamatos³ e, ao mesmo tempo, desferrar a humilhante derrota imposta por aquele povo a uma coluna lusa três anos antes (fig. 2). Neste artigo, explano as percepções que as autoridades coloniais e militares portuguesas tinham dos nativos que desafiavam o poderio nacional, através da análise dum conjunto de fotografias tiradas durante as manobras das tropas nacionais (em conjugação com narrativas escritas sobre o mesmo assunto). Contribuo para o debate académico sobre a importância da tecnologia nas relações de dominação colonial durante a partilha de África⁴ e sobre a pertinência da fotografia, não apenas como fonte ilustrativa, mas sobretudo como instrumento cultural de produção de representações e de ideologia⁵.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira, explico o contexto geopolítico da expedição antes de descrever as fontes e a metodologia para examinar a amostra fotográfica. Na segunda parte, procedo à análise propriamente dita das imagens selecionadas, evidenciando as suas principais características e representações. A última parte reúne as conclusões do estudo.

1.1. A campanha do Cuamato de 1907: contexto geopolítico e resultados obtidos

Em 1880, a presença portuguesa em Angola restringia-se a estreitas faixas costeiras e pequenas cidades no litoral. Até finais do século XIX, algumas expedições militares procuraram expandir a influência nacional ao *hinterland*, com sucesso limitado. No sul angolano, a fixação dos primeiros colonos centrou-se em Moçâmedes e Porto Alexandre (atual Tômbua), tendo em vista a colonização do planalto da Huíla. Na década de 1870, colonos portugueses e boers de Moçâmedes

³ Grafado *cuamatos* ou *cuamatas* nos tempos coloniais. Eram vizinhos (por vezes rivais, outras vezes aliados) dos kwanyamas (*cuanhamas* para os colonos portugueses), dos ewales e dos hereros. Todos estavam incluídos na etnia dos ovampos, pelo que a zona que habitavam era chamada de Ovâmpia. *Hotentotes* era outro nome que os definia. Estimava-se que dispunham de cerca de 30 mil indivíduos aptos para o combate. Maria Helena de Figueiredo Lima, *Nação ovambo* (Lisboa: Aster, 1977), 89-110. René Pélissier, *As Campanhas Coloniais de Portugal, 1844-1941* (Lisboa: Estampa, 2006), 287.

⁴ Michael Adas, *Machines as the Measure of Men. Science, Technology, and Ideologies of Western Dominance* (Ítaca, NY: Cornell University Press, 1989), 153-166 e 271-342. Maria Paula Diogo e Dirk van Laak, *Europeans Globalizing. Mapping, Exploiting, Exchanging* (Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2016), 1-26 e 139-170. Daniel R. Headrick, *The Tentacles of Progress. Technology Transfer in the Age of Imperialism* (Oxford: Oxford University Press, 1988), 6-15.

⁵ Kevin Coleman, *A Camera in the Garden of Eden. The Self-forging of a Banana Republic* (Austin, TX: University of Texas Press, 2016). Robin Kelsey, "Is Landscape Photography?", in *Is Landscape...? Essays on the Identity of Landscape*, ed. Gareth Doherty e Charles Waldheim (Nova York: Routledge, 2016), 71-92. Paul S. Landau, "Empires of the Visual: Photography and Colonial Administration in Africa", in *Images and Empires. Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*, ed. Paul S. Landau e Deborah D. Kaspin (Berkeley, CA: University of California Press, 2002), 141-171. Para o caso português: Jill R. Dias, "Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914", *History in Africa* 18 (1991): 67-82, doi.org/10.2307/3172054. Filipa Lowndes Vicente, "O Império da Visão: Histórias de um Livro", in *O Império da Visão. Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960)*, ed. Filipa Lowndes Vicente (Lisboa: Edições 70, 2014), 11-30.

iniciaram a exploração da Huíla, onde, dez anos depois, fundaram as cidades de São Januário (atual Humpata) e Sá da Bandeira (Lubango) (fig. 1)⁶.

A expansão colonial portuguesa no interior sul de Angola foi hostilizada pelos sobas (líderes) dos povos indígenas. Até 1870, registaram-se várias incursões nativas contra os interesses portugueses na região. Na década de 1880, a Huíla assistiu a violentos combates entre colonos brancos e populações negras. As autoridades metropolitanas procederam à fortificação de povoações, à organização de expedições militares, ao estabelecimento de alianças com sobas locais e com os boers e a uma intensificação do esforço de missionação católica⁷. A imposição do domínio português na região visava objetivos económicos e políticos: por um lado, facilitar a fixação de europeus e a exploração dos recursos locais; por outro lado, evidenciar as capacidades colonizadoras de Portugal, sobretudo face ao expansionismo alemão nas regiões vizinhas⁸.

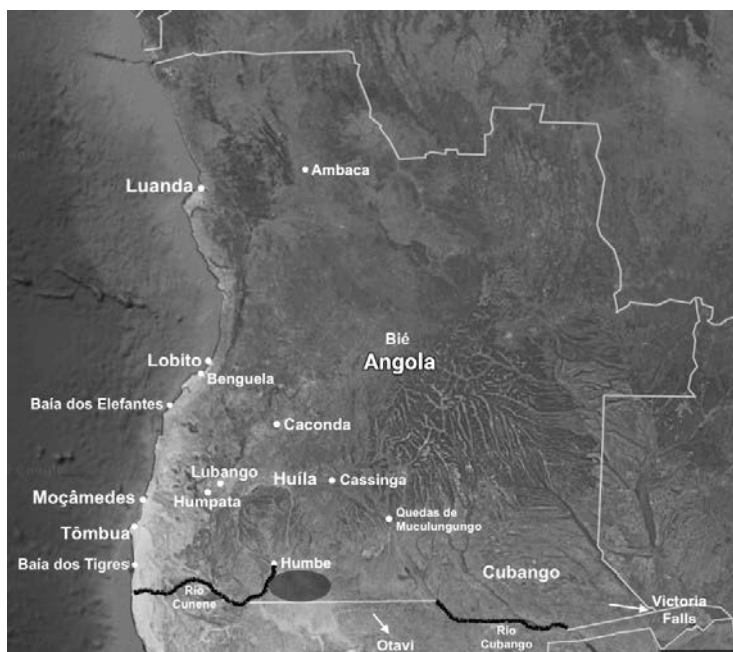


Figura 1. Mapa de Angola. A elipse sombreada representa o território ovampo. Fonte: sharemap.org e elaboração própria.

⁶ Valentim Alexandre e Jill Dias, ed., “O Império Africano 1825-1890”, in *Nova História da Expansão Portuguesa*, ed. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (Lisboa: Estampa, 1998), vol. 10, 420-422 e 492-497. Péllissier, *As Campanhas*, 286. José Manuel de Azevedo, “La Colonización del Sudoeste Angoleño del Desierto de Namibe al Planalto de Huíla, 1849-1900” (Doutoramento, Universidade de Salamanca, 2014), 66-280, <http://gredos.usal.es/handle/10366/125978>.

⁷ Alexandre e Dias, “O Império”, 422-425 e 505-505. Azevedo, “La Colonización”, 250-280.

⁸ John R. Day, *Railways of Southern Africa* (Londres: Arthur Barker Ltd, 1963), 56-60. Gisela Guevara, *As Relações entre Portugal e a Alemanha em torno da África. Finais do Século XIX e Inícios do Século XX* (Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006), 272-301. Thomas Pakenham, *The Scramble for Africa. White Man's Conquest of the Dark Continent From 1876 to 1912* (Nova York: Perennial, 2003), 207-217.

Na primeira década do século XX, as iniciativas de ocupação prosseguiram de forma mais agressiva, sendo confrontadas com um robustecimento da resistência indígena⁹. Em 1904, uma campanha foi mobilizada para investir sobre a margem esquerda do Cunene e subjugar os sobas dos kwamatos e dos kwanyamas. O governador da Huíla, João Maria de Aguiar, juntou uma força de 2 mil homens que, em setembro, chegou àquele rio. Do contingente separou-se uma coluna de reconhecimento com 500 oficiais e soldados, que foi completamente desbaratada por um exército de kwamatos e kwanyamas na mata de Mucohimo, num episódio que ficou historicamente conhecido como o *desastre do vau do Pembe* (fig. 2). Mais de 300 baixas foram registadas, o que motivou todo o contingente a bater em retirada para o Humbe¹⁰.

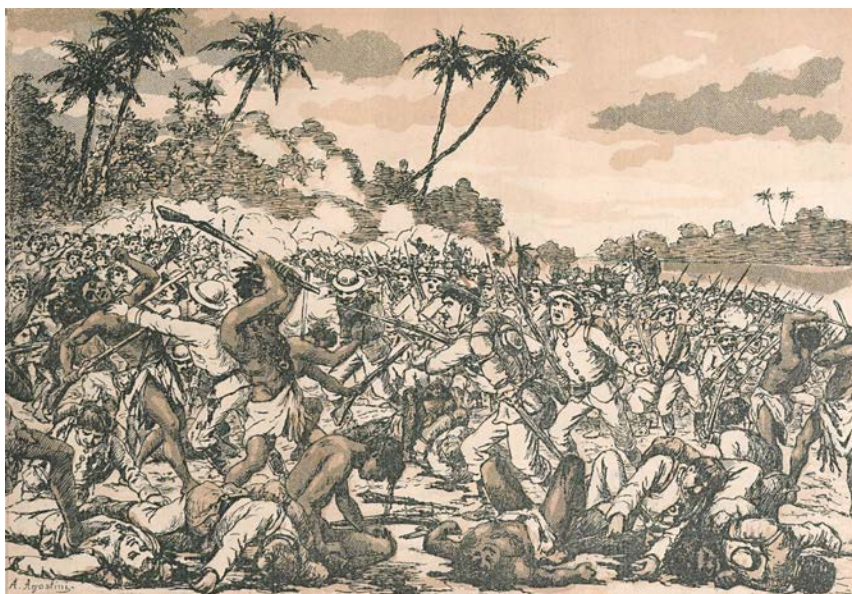


Figura 2. O desastre do vau do Pembe, segundo gravura da época. Fonte: O Malho, 109 (1904).

As repercussões do desaire rapidamente chegaram a Lisboa, entre críticas ao governo e apelos à desforra. Aventaram-se várias soluções, incluindo a preparação duma nova expedição e até a construção dum caminho de ferro de apoio ao avanço das tropas¹¹.

A partir de 1905, o novo governador da Huíla, o capitão Alves Roçadas, tomou um conjunto de decisões preparatórias para tirar desforço dos kwamatos: construção dum forte em Xangongo (defronte do Humbe), ações de

⁹ A. H. de Oliveira Marques, ed., “O Império Africano 1890-1930”, in *Nova História da Expansão Portuguesa*, ed. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (Lisboa: Estampa, 1998), v. 11, 268-274.

¹⁰ João Freire, *João Roby e o desastre do Vau de Pembe (Angola, 1904): um herói, um mártir, más tácticas, as circunstâncias imprevistas... e alguma inabilidade – Autópsia de uma derrota militar* (Lisboa: Academia da Marinha, 2017), 7 e 35-44.

¹¹ *Ibid.*, 44-53. Hugo Silveira Pereira e Bruno J. Navarro, *O Caminho de Ferro de Moçâmedes (1881-2015)* (Porto: Inovatec, 2020, no prelo), 77.

reconhecimento do território e medidas logísticas diversas. Em finais de agosto de 1907, uma força de 2,300 homens (infantaria e cavalaria chegados de Portugal e auxiliares civis locais portugueses, boers e africanos) viaja por via-férrea de Moçâmedes até à base da Chela. Daqui, sob o comando de Alves Roçadas, marcha até à Ovâmpia, mais precisamente até aos territórios kwamatos encravados entre o Cunene, os kwanyamas (de leste a noroeste) e o Sudoeste Alemão (a sul)¹². Cerca de seis semanas volvidas, após um conjunto de recontros entre soldados portugueses e guerreiros kwamatos, a expedição toma as embalas dos sobas locais (Sihetekela do Cuamato Pequeno e Chaúla do Cuamato Grande) e impõe o domínio português na região. Em dezembro, os militares regressam a Portugal, aclamados pelo rei e pelo povo como heróis nacionais¹³.

1.2. As imagens fotográficas da campanha: descrição externa

O aspeto mais inovador da expedição contra os kwamatos foi a inclusão de fotógrafos e correspondentes de guerra na campanha. A missão foi a primeira a fazê-lo na história militar de Portugal¹⁴. Ainda que não tenha interferido propriamente na manobra de guerra (exceto para divertir e levantar a moral dos soldados que se reviam nas imagens)¹⁵, a fotografia foi crucial para divulgar os acontecimentos da Ovâmpia e construir representações sobre o(s) Outro(s) africanos, revelando também as representações do Eu português. Voltarei a esta questão na secção seguinte.

Pelo menos dois fotógrafos acompanharam a expedição: José Veloso de Castro e Marino F. Pollatos (fig. 3)¹⁶. O primeiro foi um militar com uma carreira em Angola. Durante a campanha de 1907, foi adjunto do chefe dos serviços administrativos¹⁷. Além de oficial, foi diretor da *Gazeta das Colónias* em 1926 e um apaixonado pela fotografia, legando uma coleção com cerca de 3 mil imagens fotográficas, que revelam um interesse pelo Outro e pelo exotismo de África¹⁸. Quanto a Marino Pollatos, apenas se sabe que era um fotógrafo de ascendência grega, desconhecendo-se outros dados biográficos e outros trabalhos fotográficos¹⁹.

¹² Veloso de Castro, *A Campanha do Cuamato em 1907* (Luanda: Imprensa Nacional, 1908), 15-16.

¹³ Péliissier, *As Campanhas*, 288-295. Estes eventos apresentam uma notável semelhança com as operações militares alemãs no Sudoeste Africano entre 1904 e 1907 (contra os hereros e os namâquas), que também motivaram a produção de uma vasta coleção fotográfica. Cf.: Jan-Bart Gewald, *Herero Heroes. A Socio-Political History of the Herero of Namibia, 1890-1923* (Oxford: J. Currey, 1999), 141-192). Uma comparação entre os dois acervos iconográficos e, conseqüentemente, entre as duas campanhas e os dois projetos coloniais seria útil. Contudo, nesta fase da minha investigação, ainda não me é possível fazer esse exercício, pelo que, por ora, focar-me-ei apenas no caso português.

¹⁴ Patricia Hayes, "Vision and Violence: Photographies of War in Southern Angola and Northern Namibia", *Kronos. Southern African Histories* 27 (2001): 136-137, www.jstor.org/stable/41056672 (acedido em 24 de abril de 2020).

¹⁵ Álvaro Penalva, "Como nós vencemos no Cuamato", *IP*, 20 de abril de 1908: 505-512.

¹⁶ Para um retrato de Marino Pollatos, ver: FMS-DCD/RM, foto 04498.006.063.001, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04498.006.063.001>

¹⁷ David M. Lima, *A Campanha dos Cuamatos* (Lisboa: Livraria Ferreira, 1908), 106. *A Campanha d'África contada pelo Major Roçadas e outros guerreiros* (Porto: J. Ferreira dos Santos, 1908), 21.

¹⁸ Cátia Miriam Costa, "O outro na narrativa fotográfica de Veloso de Castro: Angola, 1908", *Culturas Populares. Revista Electrónica* 7 (2008): 2 e 4, www.culturaspopulares.org/textos7/articulos/costa1.pdf (acedido em 25 de abril de 2020).

¹⁹ Castro, *A Campanha*, 210.



Figura 3. Veloso de Castro. Fontes: Penalva, “Como nós vencemos”, 10 de fevereiro de 1908: 188.

As fotos de Veloso de Castro sobre a *campanha do Cuamato* estão preservadas no CAVE – Centro de Audiovisuais do Exército²⁰. Quanto aos trabalhos de Marino Pollatos sobre o mesmo evento, encontram-se na Fundação Mário Soares²¹. São positivos em gelatina e sais de prata em vidro, com dimensões variadas. Nas imagens da segunda coleção, constam legendas gravadas a vermelho, cuja autoria é desconhecida. Muitas delas foram publicadas em livros e na imprensa periódica da época (algumas só se encontram nestas fontes)²², através do *halftone*, um processo que, desde finais do século XIX e inícios do século XX, reproduzia fotografias de forma mais autêntica e económica²³.

Ao todo, existem 482 fotografias originais da campanha (386 tiradas por Veloso de Castro²⁴ e 96 por Marino Pollatos), que capturam diversos aspetos da manobra militar: construção de infraestruturas, acampamentos, exercícios, manobras da coluna, tratamento de feridos, fotos de grupo, paisagens africanas, construções nativas e soldados africanos (aliados e inimigos). Excetuando os retratos das tropas indígenas alistadas no exército português e dos negros encontrados ao longo do caminho, as fotografias dos nativos foram tiradas depois de pacificada a região.

Para este artigo, interessam-me as imagens que retratam os africanos em situações distintas, mas correlacionadas: combatendo do lado português, como guias ou tropas auxiliares; aprisionados ou subjugados pelo exército luso; e em situações de aparente neutralidade, como habitantes do território em guerra apanhados entre dois fogos (ao todo, recolhi 80 imagens: 61 de Veloso de Castro e 19 de Pollatos). Terei em atenção as fotografias que foram reproduzidas na

²⁰ CAVE-Cuamato. CAVE-CJVC. Gostaria de agradecer ao tenente Carlos Prada a partilha das cópias digitais do primeiro acervo.

²¹ FMS-DCD/RM. Os registos deste fundo identificam José de Almeida “Pesca-Rãs” como o autor das fotos, no entanto, algumas delas foram republicadas na imprensa coeva, que as credita a Marino Pollatos. Possivelmente, “Pesca-Rãs” foi o editor do álbum, mas não o autor das fotos.

²² Castro, *A Campanha*. Lima, *A Campanha*. Penalva, “Como nós”. *A Campanha d’Africa*. Ver: Hayes, “Vision”, 137.

²³ João Pedro Sousa, *Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal: Um Contributo para uma História das Revistas Ilustradas Portuguesas (1835-1914)* (Porto: Media XXI, 2017), 91.

²⁴ Castro, *A Campanha*, 66.

imprensa e em livros e que, portanto, conheceram uma maior divulgação. Com estas fotografias, analisadas juntamente com narrativas da campanha, identifico as principais representações que os fotógrafos militares tinham do(s) Outro(s) africanos e como estas condicionaram a construção duma representação sobre os povos colonizados na metrópole. Na secção seguinte, detalho a metodologia para atingir estes objetivos.

1.3. Aspetos teóricos e metodológicos para a análise de fotografias

A fotografia era praticada em Portugal desde 1850. Com o passar dos anos, com a promoção de manuais e cursos práticos e com a simplificação dos processos fotográficos (portabilidade das câmaras e acessibilidade do material pelicular), foi-se tornando uma prática comum²⁵. A fotografia colonial em particular tinha o adicional de servir como janela para a metrópole ver as colónias, reduzindo a distância entre os espaços e complementando as narrativas escritas²⁶.

Como produto da ciência e da tecnologia, a fotografia era considerada um instrumento objetivo, que captava a realidade tal como ela era, ao contrário do que acontecia com as pinturas ou desenhos, que exibiam a subjetividade dos seus autores²⁷. As máquinas fotográficas apresentavam uma alegada objetividade mecânica que ia ao encontro da necessidade coeva de reprimir a “wilful intervention of the artist-author and to put in its stead a set of procedures that would [...] move nature to the page through a strict protocol, if not automatically”²⁸. Em Portugal, verificava-se igual entendimento, como mostra um prefácio a um álbum de 1885 de Luciano Cordeiro, para quem o desenho ou a pintura eram métodos ativos de transmissão de imagens, que incluíam o fator pessoal, ao passo que a fotografia era perfeitamente passiva, fixando “o que se viu, não como qual o viu, mas como é”²⁹.

Todavia, inversamente ao que prometiam os seus promotores, a fotografia não é construção neutra com significados imediatos e óbvios. Pelo contrário, as fotografias, por detrás duma aparente naturalidade, são enigmas com uma linguagem específica e não uma janela transparente para a realidade³⁰. Resultam de escolhas subjetivas do fotógrafo (ângulo, pose, realce de detalhes), de acordo com as suas pré-representações e mensagens que pretende transmitir, as quais são também influenciadas pela cultura em que aquele se insere³¹. No caso das

²⁵ António Sena, *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997* (Porto: Porto Editora, 1998), 40-51, 100, 137-139 e 147.

²⁶ Costa, “O outro”, 3. Leonor Pires Martins, *Um Império de Papel. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada* (Lisboa: Edições 70), 11, 19 e 24.

²⁷ James R. Ryan, *Picturing Empire. Photography and the Visualization of the British Empire* (Chicago: The University of Chicago Press, 1997), 17, 62 and 214-215.

²⁸ Lorraine Daston e Peter Galison, *Objectivity* (Nova York: Zone, 2007), 44, 121, 125, 189, 197 e 258.

²⁹ Luciano Cordeiro, “O Nosso Álbum”, in *Africa Ocidental. Álbum Fotográfico e Descritivo*, ed. José Augusto da Cunha Moraes (Lisboa: David Corazzi, 1885), VIII. Cf. Maria de Fátima Nunes, “Portugal 1884-1894 – The circulation of ideas and idea systems. Photographic images of progress”, in *Demonstrar ou manipular? O Laboratório de Química Mineral da Escola Politécnica de Lisboa na sua Época (1884-1894)* (Lisboa: Livraria Escolar, 1996), 142.

³⁰ W. J. T. Mitchell, *Iconology: image, text, ideology* (Chicago: The University of Chicago Press, 1986), 2.

³¹ Stephen Daniels e Denis Cosgrove, “Introduction: iconography and landscape”, in *The Iconography of Landscape. Essays on the symbolic representation, design and use of past environments*, ed. S. Daniels e D.

reproduções na imprensa ilustrada, estão também muito longe de ser um *fac-símile* do original, uma vez que todo o processo fotomecânico de reprodução as sujeitava a modificações (retoque do negativo, adição, eliminação ou alteração de elementos, clareamento, retoques finais)³².

A irrealista objetividade da fotografia assumia uma especial importância nos retratos do Outro, especialmente do Outro africano, que eram apresentados como factos científicos utilizáveis na antropologia e etnografia e que davam validade científica à *fetichização* do negro, não como *bom selvagem*, mas como *homem primitivo*³³.

Neste sentido, e considerando o objeto de estudo deste artigo, importante se torna realçar a relação entre o Eu e o Outro. Esta questão é vastíssima, podendo o Eu e o Outro pertencer à mesma sociedade (mulheres/homens ou ricos/pobres) ou a sociedades completamente diferentes (com ritos, línguas, costumes que o Eu não compreende)³⁴. Para os efeitos pretendidos, basta indicar que o Outro é a condição de ser diferente do Eu, sobretudo quando as dissemelhanças são estranhas, bizarras ou exóticas (ao nível das normas sociais, comportamentos e aspirações). Pode, assim, ser o ponto de partida para a exclusão do Outro do centro para as periferias da sociedade³⁵.

No caso analisado neste artigo, o contraste é evidente. Dum lado, temos o Eu, o autor português das fotografias (e por extensão os que se socorreram delas para escrever narrativas de guerra); do outro lado, o Outro, os kwamatos que combatiam os avanços portugueses na Ovâmpia. Os primeiros pertenciam a uma sociedade que via na tecnologia colocada ao serviço da exploração da natureza o progresso; na sua superioridade tecnológica, o dever de *civilizar* África e incluí-la numa economia global controlada pelos europeus³⁶; e que entendiam qualquer resistência a este processo como ilegítima, porque negava o progresso. Já os segundos incluíam-se num grupo cujos objetivos eram bem mais simples e claros: combater uma invasão estrangeira a uma nação independente³⁷.

Além deste contraste, há três detalhes adicionais que influem igualmente na análise: a audiência provável das fotos, as suas legendas e documentação escrita sobre o assunto retratado.

Conhecer o público a quem é destinado um documento é uma regra básica da hermenêutica histórica. A interpretação será diferente, consoante um determinado documento foi elaborado para um público mais ou mais restrito³⁸. Adicionalmente,

Cosgrove (Cambridge: Cambridge University Press, 1988), 2. Philippe Dubois, *O Acto Fotográfico* (Lisboa: Vega, 1992), 45.

³² Gerry Beegan, *The Mass Image. A Social History of Photomechanical Reproduction in Victorian London* (Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2008), 177-178.

³³ Liliana Oliveira da Rocha e Patrícia Ferraz de Matos, "Fotografia Colonial: Materialidades e Imaterialidades Identitárias no Contexto Português", *Criar Educação* 7, no. 2 (2018): s. p., <http://doi.org/10.18616/ce.v7i2.4608>

³⁴ Tzvetan Todorov, *The Conquest of America. The Question of the Other* (Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1999), 3.

³⁵ J. Mitchell Miller, "Otherness", in *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*, ed. Lisa M. Given (Thousand Oaks, CA: SAGE), 587.

³⁶ Diogo e Laak, *Europeans Globalizing*, 139. Miguel Bandeira Jerónimo, *The 'Civilising Mission' of Portuguese Colonialism 1870-1930* (Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2015), 15-16.

³⁷ Pélissier, *As Campanhas*, 288.

³⁸ Pierre Bourdieu, *O que falar quer dizer: a economia das trocas linguísticas* (Lisboa: Difel, 1998), 13-20.

conhecer a audiência que contactou com um documento é essencial para avaliar o seu impacto. No caso, das imagens de Veloso de Castro e Marino Pollatos, elas destinaram-se a uma divulgação mais ampla na metrópole. De outro modo, não faria sentido desperdiçar dois homens num cenário de guerrilha em África, colocando-lhes nas mãos uma câmara fotográfica ao invés duma arma. É também indiscutível que conheceram uma ampla divulgação na imprensa da época, que funcionava como instrumento de produção da ideia de império³⁹. O principal órgão disseminador dos sucessos da Ovâmpia foi o semanário *IP*, que reproduziu diversas imagens em dezoito edições não-sequenciais entre o número 83 de 23 de setembro de 1907 (quando a campanha estava em pleno andamento) e o número 121 de 15 de junho de 1908 (já muito depois do regresso das tropas)⁴⁰. A *IP*, fundada em 1903, foi a principal revista ilustrada de atualidades portuguesa de inícios do século XX. Circulava a nível nacional e, graças ao processo do *halftone*, recorria profusamente à fotografia (cada número tinha cerca de 30 páginas com dezenas de imagens fotográficas sobre os mais diversos assuntos), conseguindo assim contornar o obstáculo da iliteracia generalizada da população portuguesa⁴¹. Através da fotografia (e da sua alegada objetividade), que todos conseguiam apreciar, independentemente da sua formação, e da sua repetição nos periódicos ilustrados, criava-se uma experiência visual comunal, que fundia os seus observadores num grupo alargado e uno, partilhando um conjunto de representações sobre um coletivo mais abrangente, neste caso, a submissão e colonização de um povo africano⁴².

A segunda variável que mencionei era legenda das fotografias, que orientam imediatamente a atenção do observador para um certo ponto ou ideia. Revelam aquilo que o autor das fotos ou o seu divulgador mais valoriza e mais quer realçar nas imagens, o que se torna crucial para a sua análise⁴³.

Por fim, convém considerar sempre que possível documentação escrita sobre os acontecimentos retratados pela fotografia. O recurso a textos coevos não só enriquece a análise, como permite identificar com mais exatidão as representações subjacentes à imagem, considerando que a fotografia não pode ser dissociada da cultura escrita que contribui para a construção dos significados pictóricos⁴⁴. Aliás, tal como a legenda, um texto pode modificar completamente o significado duma fotografia⁴⁵. No caso do *corpus* iconográfico da *campanha do Cuamato*, é possível confrontá-lo com um conjunto de relatos escritos por oficiais envolvidos nas manobras, incluindo o próprio Veloso de Castro, em formato de livro e artigos na

³⁹ Martins, *Um Império*, 12, 19 e 24.

⁴⁰ Um outro magazine ilustrado, *Ocid.*, deu também relevância à campanha portuguesa, mas em termos fotográficos, privilegiou os retratos dos líderes militares e da sua receção em Lisboa.

⁴¹ Sousa, *Veja!*, 303 e 318.

⁴² Beegan, *The Mass*, 1-3 e 21-24. Ver também: Benedict Anderson, *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (Londres: Verso, 1983), 39-40. Jennifer Green-Lewis, *Framing the Victorians: Photography and the Culture of Realism* (Ítaca, NY: Cornell University Press, 1996), 113. Gabriel Tarde, *On Communication and Social Influence* (Chicago: The University of Chicago Press, 1969), 297 e 318.

⁴³ Margery B. Franklin, Robert C. Becklen e Charlotte L. Doyle, "The influence of titles on how paintings are seen", *Leonardo: Journal of the International Society for the Arts, Sciences and Technology* 26, no. 2 (1993): 103-108, <http://doi.org/10.2307/1575894>

⁴⁴ Daniels e Cosgrove, "Introduction", 2. C. M. Geary, "Photographs as Materials for African History Some Methodological Considerations", *History in Africa* 13 (1986): 100. Vicente, "O Império", 12.

⁴⁵ Beegan, *The Mass*, 14.

imprensa ilustrada⁴⁶. Ainda que estes privilegiem a marcha da coluna, oferecem algumas representações sobre o(s) Outro(s) africano(s).

Idealmente, a análise deveria incluir o testemunho do(s) Outro(s), que permitisse avaliar a sua perspectiva do evento e cotejá-la com a visão do Eu. Em estudos coloniais, a necessidade de ouvir as vozes nativas reveste-se duma ainda maior importância⁴⁷. Infelizmente, não consegui encontrar estas narrativas (possivelmente acessíveis através de histórias orais passadas entre gerações). Deste modo, este artigo privilegia a visão europeia do processo histórico, uma pecha importante (pelo menos por agora incontornável), que impedirá de conhecer completamente todos os lados desta história.

2. O(s) Outros(s) da *campanha do Cuamato* pelo olhar da fotografia

As fotos produzidas durante a campanha contra os kwamatos revelam as representações dos militares envolvidos, mas não podem ser dissociadas do contexto da época nem das pré-representações existentes. Para analisar a representação do Outro, é necessário conhecer o Eu. Nesta secção, começo por fazer este exercício. Em seguida, argumento que o Outro africano não era homogéneo, dividindo-se pelo menos em duas realidades diferentes, mas complementares: o Outro inimigo, que combatia os portugueses; e o Outro aliado, que reconhecia o seu poderio.

2.1. Os kwamatos: um povo temido e desprezado

Entre as esferas coloniais, prevalecia a ideia genérica da inferioridade civilizacional de África e dos africanos, que, aliás, justificava a autoimposta missão de *civilizar* o continente e os seus habitantes (através da religião e da força militar, mas sobretudo através da ciência, da tecnologia e do trabalho)⁴⁸. No caso específico dos kwamatos, a esta alegada ausência de *civilização* juntava-se uma putativa selvajaria e belicosidade.

O desenho reproduzido na fig. 2 já evidencia parcialmente esta imagem dos kwamatos: violentos, agressivos, brandindo armamento primitivo e vestidos com curtos pedaços de pano. Nos meios da metrópole, onde as nações do sul de Angola eram agregadas sob o termo genérico de *hotentotes*⁴⁹, o imaginário não era muito diferente.

Os debates parlamentares, que são bem representativos dum modo de pensar das elites políticas⁵⁰, apontam nesse sentido. O termo *hotentote* era normalmente proferido como sinónimo de selvajaria, barbárie e ausência de civilização. No

⁴⁶ Castro, *A Campanha*. Lima, *A Campanha*. Rocha Martins, “Palavras de um Heróe”, *IP*, 30 de dezembro de 1907: 865-872. Penalva, “Como nós”. *A Campanha d’Africa*.

⁴⁷ Jeannette Allis Bastian, “Reading Colonial Records Through an Archival Lens: The Provenance of Place, Space and Creation”, *Archival Science* 6 (2006): 267-284, <https://doi.org/10.1007/s10502-006-9019-1>

⁴⁸ Jerónimo, *The ‘Civilising Mission’*.

⁴⁹ Maria Cecília de Castro, “Hotentotes”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Lisboa: Verbo, 1987), 10: 535-536.

⁵⁰ Manuel Pinto dos Santos, *Monarquia Constitucional. Organização e Relações do Poder Governamental com a Câmara dos Deputados (1834-1910)* (Lisboa: Assembleia da República, 1986), 167.

parlamento, alguns deputados argumentavam que só “um país selvagem, um país sem tradições, um país sem futuro, um país de *hotentotes*, pode praticar impunemente certas coisas”⁵¹, enquanto outros comparavam as “turbas ignaras como uma cáfila de *hotentotes* que invade, fere, esmaga e mata os habitantes do uma povoação pacífica e inerte!”⁵². Aqui, o termo *cáfila* (um grupo de camelos) remete ainda para o carácter animalesco atribuído àqueles africanos.

As expedições portuguesas a África nas décadas de 1870 e 1880 reforçaram estas percepções. Serpa Pinto usou o termo *hotentote* como uma escala de hediondez para avaliar outras etnias⁵³. Já Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, baseados em testemunhos locais, enumeravam os “atos ruins” dos hotentotes, desde roubo a pilhagens e assassinatos, salientado que estes se dirigiam especialmente contra as mulheres, insinuando aqui também alguma falta de coragem por parte daquele grupo⁵⁴. Mesmo que o contacto com os povos do sul de Angola não tivesse sido aprofundado, os exploradores apresentavam as suas conclusões revestidas de méritos antropológicos, que, portanto, eram tidas como absolutamente verdadeiras.

À medida que a reacção dos povos do sul de Angola recrudescia contra a presença portuguesa, os debates parlamentares refletiam a representação daqueles nativos como salteadores: “Nós temos ali perto de mais a mais uma raça de pretos, os *hotentotes*, que são incómodos vizinhos, e que molestam, com frequência, as famílias ali estabelecidas, fazendo-lhes depredações de toda a ordem”⁵⁵, “roubando o maior numero de cabeças [de gado] que podem e matando quem pretende opor-se-lhes”⁵⁶. Alguns parlamentares referiam-se às “continuas invasões que os *hotentotes* estão fazendo na parte meridional da nossa província de Angola”⁵⁷, enquanto outros lamentavam-se como aquelas tribos “infestam aquela região desprotegida”⁵⁸. Estas duas últimas citações são particularmente reveladoras de duas ideias sobre a ação colonial portuguesa: a ilegitimidade dos nativos às suas próprias terras, que eram por eles *invadidas*; e a sua redução à condição de praga, que *infestava* o território.

Estas representações estão também presentes nos relatos dos militares que participaram na campanha, onde desde logo se nota a percepção da inferioridade cultural dos africanos. Um deles revela isto mesmo ao contar um episódio ocorrido à chegada à segunda escala da viagem em Luanda, durante o qual os militares divertiram-se com algumas tropelias. Para o soldado, “fizemos de macacos no desembarque, o que não admirava, porque estávamos já bem em África”⁵⁹. Já quando Alves Roçadas tomou a embala do Cuamato Pequeno, as garrafas de champagne transportadas para a celebração “estalavam alegremente como se fora uma salva saudando a entrada da civilização na terra do Cuamato”⁶⁰.

⁵¹ DCD, 20 de fevereiro de 1867: 512. Os itálicos nesta e nas citações seguintes constam do original.

⁵² *Ibid.*, 22 de março de 1879: 941.

⁵³ Serpa Pinto, *Como Eu Atravessei Africa* (Londres: Sampson, Low, Marston, Searle e Rivington, 1881), 1: 282.

⁵⁴ Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, *De Angola à Contracosta*, (Lisboa: IN, 1886), 1: 250 e 255.

⁵⁵ *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, 3 de julho de 1893: 373.

⁵⁶ DCD, 24 de julho de 1890: 1486.

⁵⁷ *Ibid.*, 6 de julho de 1893: 37.

⁵⁸ *Ibid.*, 25 de junho de 1889: 583.

⁵⁹ *A Campanha d’Africa*, 4.

⁶⁰ Penalva, “Como nós”, 20 de abril de 1908: 505-512.

Subjacentemente, notava-se também um enlevo pelo exotismo de África e dos africanos, que acabava por confirmar a percecionada superioridade do modo de vida europeu. Exemplos deste exotismo incluíam as trocas comerciais diretas, os hábitos quotidianos (que divertiam os oficiais: “Apesar de já ter visto esquisitices africanas, achei imensa graça”), as cerimónias guerreiras (“uns pretalhões que pediam aguardante e dançaram um batuque guerreiro muito reinadio” após o que “todos se riam a valer daquele baile”), o impacto de artefactos tecnológicos e o vestuário:

Daquela genticinha, só um ou outro anda vestido, porque o traje habitual, é a tanga –um pedaço de sarapilheira velha, ou de pele de qualquer animal– enrolada á cintura. As mulheres trajam da mesma forma, e untam os cabelos com uma gordura, empilhando-os á laia de pinha. São uns pobres diabos! A gordura, com o sol, escorre-lhes pelo corpo, dando-lhe até brilho! Faziam-nos rir a bandeiras despregadas [...] São d’uma curiosidade extraordinária estes pretinhos!⁶¹

As fotografias da campanha revelavam estes mesmos estereótipos de África como terra de paisagens exóticas e dos Outros africanos como seres inferiores, vivendo em habitações primitivas, com vestes bizarras e técnicas rudimentares⁶². Simultaneamente, legitimavam a missão civilizadora da colonização, que iria alterar aquele estado de coisas⁶³.

Contudo, quando o assunto mudava para os kwamatos propriamente ditos, perdia-se muita daquela condescendência. Todos os relatos os descreviam como selvagens sanguinários, que viviam da pilhagem (Veloso de Castro falava em “ladroeira à mão armada”), atacavam barbaramente soldados desarmados e, não só eram “difícilmente domáveis à influência da civilização”, como a rejeitavam e impediam as tribos vizinhos de a aceitar:

nós, que trabalhávamos, como sempre, em favor da civilização, levando á força das armas, é bem verdade, mas pela força das circunstâncias, a boa doutrina ao coração dos povos que nas remotas paragens de África ainda se mantém em rebeldia e opõem tenazmente a sua ignorância e selvageria à nossa ação benéfica e civilizadora⁶⁴.

Eram, além disto, considerados dissimulados na forma como faziam a guerra (guerrilha, escondidos no mato, e através de contínuas provocações verbais e intimidação sonora pelo bater de batusques no intuito de incentivar os soldados

⁶¹ Para tudo isto: Lima, *A Campanha*, 41 (citação), 81-82 (citação), 84 e 88. Penalva, “Como nós”, 27 de janeiro de 1908: 116 e 119. *A Campanha d’África*, 13-14 (citação).

⁶² FMS-DCD/RM, foto 04498.006.002.002, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04498.006.002.002>
Ver também: FMS-DCD/RM, fotos 04498.006.014.001, 014.002, 051.001 e 047.002. CAVE-CJVC, foto 1170. CAVE-Cuamato, fotos 1351, 1353, 1357, 1377-1381, 1384, 1386, 1414, 1429 e 1446. *IP*, 20 de abril de 1908: 505.

⁶³ Cf. Costa, “O outro”, 17.

⁶⁴ Para tudo isto: Castro, *A Campanha*, 14, 16-17 (citação), 192 e 226 (citação). Lima, *A Campanha*, 11-12.

portugueses a desperdiçar municiões) e por muitos deles anteriormente terem jurado fidelidade à coroa portuguesa⁶⁵.

Por outro lado, elogiavam o carácter aguerrido dos kwamatos, a sua audácia, agilidade e capacidade de manejar eficazmente espingardas modernas (Mauser, Martini-Henri, Snyder, Winchester, Kropatschek e Colt, que até eles chegavam contrabandeadas de Benguela), bem como o seu orgulho e altivez, que fazia deles um adversário poderoso⁶⁶.

O elogio não era completamente inocente, uma vez que contribuía para engrandecer os feitos militares de Alves Roçadas e seus comandados. Para este efeito, concorriam também as descrições da penosa marcha, a pé, desde o Humbe até à Ovâmpia, as condições geográficas do território (sobretudo a falta de água) e o horrível espetáculo proporcionado pelo improvisado hospital de campanha. De igual modo, as estimativas numéricas das forças em oposição, validadas mais tarde sem contestação pela comunicação social, enalteciam o mérito dos militares lusos: a força portuguesa tinha pouco mais de 2 mil homens (incluindo dez canhões e quatro metralhadoras) e Alves Roçadas calculava que o lado kwamato contava com 25,000 guerreiros, 7,000 dos quais munidos de armas de fogo. Acresce ainda que muitos dos soldados portugueses tinham pouca formação militar ou eram degredados da metrópole, algo que para os oficiais que descreveram a campanha era compensado pelo coração português que lhes batia no peito⁶⁷.

As fotografias não evidenciam este carácter belicoso dos kwamatos, uma vez que foram produzidas depois da submissão da região. A exceção é um conjunto de três fotos que retratam três oficiais portugueses com um prisioneiro, o qual mantém uma pose orgulhosa e ativa (além de alegadamente se ornar com suspensórios e mecanismos de relógio dos massacrados de 1904)⁶⁸, ainda que submetido ao poder militar e fotográfico dos portugueses⁶⁹.

2.2. As fotografias da campanha do Cuamato e o(s) Outro(s): classificação, civilização, poder

Dentro da construção cultural descrita na secção anterior, as imagens de Veloso de Castro e Marino Pollatos retratam aspetos importantes da perceção do(s) Outro(s), sobretudo na passagem dos kwamatos da condição de inimigo para subjugado, mas incluindo também africanos aliados.

Algumas das fotografias decorrem daquilo que indiquei anteriormente (realce do carácter primitivo dos kwamatos e demais habitantes da região, justificando a presença e a colonização portuguesa) e destinavam-se a catalogar etnográfica e

⁶⁵ Castro, *A Campanha*, 15 e 98. Lima, *A Campanha*, 24, 96, 103, 119, 146, 168 e 173. Martins, “Palavras”. Penalva, “Como nós”, 3 de fevereiro de 1908: 149-155, 10 de fevereiro de 1908: 149-155 e 6 de abril de 1908: 441-447. *A Campanha d’Africa*, 19, 29-31 e 60.

⁶⁶ Castro, *A Campanha*, 80, 149 e 160-161. Lima, *A Campanha*, 11 e 86. Penalva, “Como nós”, 3 de fevereiro de 1908: 149-155 e 24 de fevereiro de 1908: 249-255. *A Campanha d’Africa*, 45.

⁶⁷ Castro, *A Campanha*, 107. Lima, *A Campanha*, 12, 132 e 137. Martins, “Palavras”. Penalva, “Como nós”, 24 de fevereiro de 1908: 106, 2 de março de 1908: 249-255 e 279-285 e 11 de maio de 1908: 602-608. *A Campanha d’Africa*, 63. Ver também: Péliissier, *As Campanhas*, 287-288. Cf. Costa, “O outro”, 15.

⁶⁸ Castro, *A Campanha*, 107. Lima, *A Campanha*, 12, 132 e 137. Penalva, “Como nós”, 24 de fevereiro de 1908: 249-255 e 2 de março de 1908: 279-285. *A Campanha d’Africa*, 63.

⁶⁹ CAVE-CJVC, foto 1229, <http://arqhist.exercito.pt/viewer?id=160184&FileID=1127914> Castro, *A Campanha*, 242-243.

antropologicamente aqueles povos⁷⁰. Um modelo fotográfico comum era o da foto de grupo, em que vários negros posavam para a câmara, evidenciando a sua complexão, força física e diferença entre homens e mulheres e entre diferentes faixas etárias (fig. 4). Noutras instâncias, as imagens coletivas evidenciam atividades grupais quotidianas ou de divertimento (danças ou jogos)⁷¹.



Figura 4. Foto de grupo de homens, mulheres e crianças nativas. Fonte: CAVE-Cuamato, foto 1383.

De entre as fotos de grupo, um padrão se destaca e merece algumas considerações: os retratos de grupos de mulheres, tanto nos seus afazeres (pilando no almofariz, carregando cestas à cabeça, cuidando dos filhos), como simplesmente estáticas para a objetiva (fig. 5). Em quase todas, as mulheres são apresentadas seminuas, mostrando os seios, o que transmitia novamente o exotismo e o primitivismo dos africanos⁷². Além de ir ao encontro dos objetivos referidos no parágrafo anterior, estas imagens denotam igualmente o poder que o homem europeu (com as suas armas, poderio tecnológico e fotografia) detinha sobre a região, sobre o indivíduo, sobre o corpo da mulher e sobretudo sobre o visível e sobre o que poderia ser considerado visível⁷³.

⁷⁰ Patrícia Ferraz de Matos, “A fotografia na obra de Mendes Correia (1888-1960): Modos de representar, diferenciar e classificar da ‘antropologia colonial’”, in *O Império da Visão*, ed. Filipa Lowndes Vicente (Lisboa: Edições 70, 2014), 45-48.

⁷¹ CAVE-CJVC, foto 1182. CAVE-Cuamato, fotos 1408 e 1416. Castro, *A Campanha*, 217 e 273.

⁷² CAVE-Cuamato, fotos 1350, 1374-1376 e 1398-1399. Castro, *A Campanha*, 271 e 275.

⁷³ Vicente, “O Império”, 22.



Figura 5. Grupo de mulheres negras. Fonte: CAVE-Cuamato, foto 1382.

Por fim, a catalogação dos nativos também era feita pela sua inserção no seu ambiente natural, daí que um outro tipo fotográfico comum da coleção é o que coloca negros lado a lado, frente a frente ou envolvido pela geografia africana e seus caprichos (mato, bosques, rios, altas árvores ou formigueiros – fig. 6). Deste modo se sublinhava o exotismo da paisagem africana e ao mesmo tempo a orografia que dificultara o avanço das tropas⁷⁴.

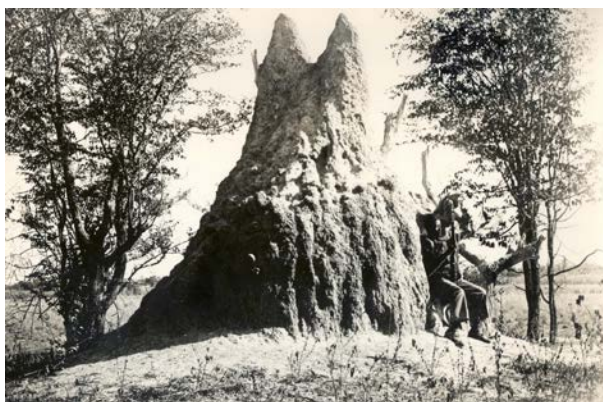


Figura 6. Tropa indígena junto a um formigueiro. Fonte: CAVE-Cuamato, foto 1495.

As imagens analisadas até aqui focam e descrevem o Outro que ativamente se opunha à presença portuguesa no sul de Angola. Contudo, há um Outro adicional presente nas imagens: o conjunto de tropas africanas que combatiam do lado português (e por extensão todos os que concorriam de alguma forma para a campanha). Apesar da sua condição de aliados de Portugal (tomavam parte nos combates e até nas queimas das libatas encontradas durante o caminho)⁷⁵, a sua origem africana colocava-os muito mais próximos do Outro kwamato do que do Eu

⁷⁴ CAVE-Cuamato, fotos 1367-1368, 1387, 1413 e 1424. FMS-DCD/RM, fotos 04498.006.027.001, 054.001 e 034.001.

⁷⁵ Lima, *A Campanha*, 197.

português. No seu relato, Veloso de Castro deixa transparecer isto mesmo, quando refere que as “companhias de negros [...] nem por isso [por serem negros] são menos prestáveis que as outras”⁷⁶. Em todo o caso, eram uma prova da capacidade *civilizadora* dos oficiais portugueses, que lhes haviam incutido o valor da disciplina militar. Algumas fotos atestavam precisamente isto: os soldados nativos, ordeiramente enfileirados atrás dos oficiais portugueses, que os comandavam, contrastando com as descrições anteriores da selvajaria dos kwamatos e mesmo com a disposição destes últimos de forma desordenada nas demais fotografias⁷⁷.

A demonstração de hierarquia e de dominação também podia ser feita sem recurso ao rigor da ordem militar. Numa outra imagem⁷⁸, se não fosse a legenda manuscrita, provavelmente nunca se saberia que os negros ali expostos eram auxiliares (da sexta companhia, que também incluía portugueses e boers)⁷⁹. A relação desigual de poder é manifesta. Para além da legenda nomear e apontar para o comandante do corpo (tenente de infantaria Teixeira Pinto), a sua figura domina a composição pela sua centralidade, elevação (sentado num banco, enquanto todos os negros estão sentados no chão e o seu camarada branco, de pé, desvia-se do foco central da imagem) e basta barba.

Outras imagens⁸⁰ ilustravam a *lição do trabalho*, intimamente associada à missão civilizadora de Portugal em África⁸¹. As restantes evidenciavam igualmente e de forma mais explícita a hierarquia de poderes que havia entre brancos e negros⁸². Na fig. 7, é visível como o único elemento branco domina a composição, fazendo-se carregar por duas figuras negras, enquanto os outros personagens nativos assistem à cena.



Figura 7. Oficial português transportado em liteira por dois negros. Fonte: CAVE-Cuamato, foto 1392.

⁷⁶ Castro, *A Campanha*, 86.

⁷⁷ FMS-DCD/RM, foto 04498.006.051.002, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04498.006.051.002>
Ver também: FMS-DCD/RM, 04498.006.006.002. *IP*, 23 de março de 1908: 381 e 383.

⁷⁸ FMS-DCD/RM, foto 04498.006.018.002, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04498.006.018.002>

⁷⁹ Castro, *A Campanha*, 44.

⁸⁰ CAVE-Cuamato, fotos 1362-1363, 1365-1366, 1373 e 1388.

⁸¹ Jerónimo, *The 'Civilising Mission'*, 38-46.

⁸² CAVE-Cuamato, foto 1439.

É também de notar a completa ausência de informação biográfica ou factual sobre os negros que combatiam do lado português (a exceção é os nomes dos sobas kwamatos e o guia Calipalula, o qual abordarei na secção seguinte). Enquanto os nomes (e até alguns dados biográficos) de diversos comandantes, subcomandantes e subordinados portugueses são referidos em diversas passagens das narrativas de guerra (e na própria legenda das fotografias), nada é referido quanto aos soldados indígenas, que não passavam numa massa informe, homogênea, que servia de auxiliar ao protagonismo e projeto colonial português.

2.3. Entre o Eu e o Outro: o guia Calipalula

Ainda inserido neste conjunto de fotografias do Outro africano aliado dos portugueses, há um conjunto de imagens que merece uma atenção especial, por estarem associadas a uma personagem particular da campanha, com uma história relevante para a narrativa: o guia kwamato Calipalula (também grafado Kalipalula ou Caripalula). Segundo as fontes portuguesas, Calipalula era um pretendente à liderança dos kwamatos, que fora escorraçado pelos seus rivais e se refugiara entre os portugueses do Humbe. As autoridades portuguesas convenceram-no a servir de guia da coluna de Alves Roçadas, oferecendo-lhe em troca o sobado da região, assim que esta fosse pacificada⁸³. A aliança com os portugueses melhorou a sua posição aos olhos destes últimos, mas não o colocou no mesmo patamar de igualdade. Um dos cronistas da missão, tenente da Armada Álvaro Penalva⁸⁴, contava como o guia, depois de acolhido no Humbe, “adquiriu alguns hábitos europeus, que o tornavam muito superior aos outros pretos”⁸⁵; mas um outro testemunho (do já citado oficial de cavalaria David Lima) recordava como inicialmente “o pretinho não queria aceitar o cargo de traidor à sua pátria e só depois de muito instado e de muita diplomacia, se conseguiu que aceitasse”⁸⁶. A forma condescendente e derogatória como Calipalula era referido e mesmo o modo leviano como é descrito um ato de traição à pátria mostra como o guia não era considerado de todo um igual, mas sim um Outro.

As imagens que o retratam apontam nesta direção. Três fotos de Calipalula não o colocam lado a lado com o seu aliado branco e mostram-no descalço, com roupas gastas e sujas, reforçando a imagem pouco *civilizada* do africano. Numa das fotografias⁸⁷, o detalhe do chapéu europeu com uma medalha partida adiciona uma pitada de ridículo. Uma segunda imagem retrata-o sozinho, fazendo possivelmente a descrição mais acertada da sua condição: não pertencendo aos kwamatos, porque os traía; não pertencendo aos portugueses, porque era africano⁸⁸.

A ação de Calipalula não se limitou a guia das tropas lusitanas pela paisagem do sul de Angola, tendo também servido de *go-between* entre os portugueses e os kwamatos, já que sabia falar as duas línguas. Estava assim incumbido de transmitir

⁸³ Castro, *A Campanha*, 58 e 228-231. Penalva, “Como nós”, 6 de abril de 1908: 441-447 e 11 de maio de 1908: 602-608. Martins, “Palavras”, 865-872. *A Campanha d’Africa*, 63-64.

⁸⁴ Castro, *A Campanha*, 43.

⁸⁵ Penalva, “Como nós”, *IP*, 11 de maio de 1908: 606.

⁸⁶ Lima, *A Campanha*, 112-113.

⁸⁷ FMS-DCD/RM, foto 04498.006.036.001, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04498.006.036.001>

⁸⁸ CAVE-CJVC, foto 1174, <http://arqhist.exercito.pt/viewer?id=160110&FileID=1127851>

aos seus compatriotas as garantias dos portugueses de que seriam bem tratados se se rendessem. As fontes referem três tipos de interações deste género. O primeiro ocorreu durante os combates, nos quais os kwamatos dirigiam imprecações verbais aos portugueses e Calipalula (e outros soldados indígenas) respondia com as promessas de paz destes últimos em caso de rendição ou com a ameaça da continuação da destruição de libatas, caso o conflito prosseguisse⁸⁹. Para o oficial David Lima, “Aquela conversa por entre o tiroteio, fazia lembrar uma bulha de cães, tais eram os sons que lhes saíam da boca”⁹⁰.

Noutras ocasiões, Calipalula serviu de exemplo de como os portugueses não pretendiam aniquilar os kwamatos. Numa delas, alguns soldados regressaram ao acampamento com um prisioneiro. A excitação era muita: “finalmente íamos conhecer um cuamato, um dos nossos inimigos, e poderíamos saber dele informações interessantes!”, mas “grande foi o nosso desapontamento: tratava-se de uma pobre velha, repelente, parálitica, cega, miserável [...] e que, transida de pavor que metia dó, ali estava imaginando que íamos trinchá-la”⁹¹. Calipalula, porém, apresentou-se-lhe como um homem livre (a kwamata supunha que ele vinha guiando os portugueses em ferros), com alguma importância social e bem tratado e que, portanto, os kwamatos nada tinham a recear. De acordo com as fontes portuguesas, a nativa convencera-se e pedira para permanecer com as tropas⁹². Um cliché foi produzido para registar o momento (fig. 8), no entanto, tudo parece indicar que o encontro foi tudo menos aprazível: o espaçamento entre os personagens, os semblantes carregados dos nativos, o ar comprometido de Calipalula.



Figura 8. Calipalula com uma mulher kwamata prisioneira e três nativos. Fonte: Castro, *A Campanha do Cuamato*, 204.

⁸⁹ Castro, *A Campanha*, 140, 219 e 228. Penalva, “Como nós”, 23 de março de 1908: 377, 20 de abril de 1908: 505-512 e 27 de abril de 1908: 535-541.

⁹⁰ Lima, *A Campanha*, 167.

⁹¹ Castro, *A Campanha*, 138.

⁹² *Ibid.*, 139 e 180-181. Lima, *A Campanha*, 165.

Por fim, o guia deveria continuar como agente de ligação entre colonizador e colonizado depois de terminado o conflito, após o seu empossamento como soba⁹³. Duas fotos ilustram bem esta função, retratando Calipalula (visível pela sua altura acima da média) precisamente entre o dominador e o dominado⁹⁴. Contudo, a sua ascensão a soba acabou por não acontecer, porque Calipalula não foi aceite pelos seus compatriotas. As fontes divergem sobre as razões, mas a mais plausível parece ter sido a frieza com que foi tratado pelos seus. Alegadamente, uma prática comum dos kwamatos era presentear o novo soba com uma mulher jovem e bonita, mas Calipalula foi brindado com uma idosa. Perante esta atitude, o ex-guia e ex-futuro soba tentou pôr termo à própria vida com um tiro de pistola. As fontes não clarificam se Calipalula morreu ou se ficou gravemente ferido (Veloso de Castro refere que a primeira descarga não o matou e só a intervenção dum sobrinho o impediu de realizar uma segunda)⁹⁵, mas o triste acontecimento não alterou os planos das tropas portuguesas. David Lima refletia laconicamente sobre a atitude dos kwamatos e a reação de Calipalula do seguinte modo: “Estes costumes gentílicos são duma engraçada curiosidade”⁹⁶. Já o comando rapidamente encontrou um substituto para o sobado, Popiene: “fez-se um auto da posse, e houve beberete solenizando aquele dia festivo para os pretos”, “acabando tudo, como sempre, numa enorme bebedeira de aguardente” – concluíam David Lima e Álvaro Penalva com a sua habitual concisão e desdém⁹⁷.

2.4. Pacificação e submissão

Paulatinamente, as tropas portuguesas foram penetrando no território, pilhando libatas e incendiando embalas. De acordo com os combatentes portugueses, este avanço foi desmotivando e afastando os resistentes (sobretudo após a tomada da embala do Cuamato Pequeno), o que, aliado à falta de munições e à morte dos guerrilheiros que sabiam manejar armas de fogo, facilitou a missão dos portugueses. Todas as narrativas da campanha indicam também que o modo civilizado e humano com que as tropas tinham tratado os vencidos (“lá levamos a guerra, não para os espoliar, mas para os proteger”) contribuiu para a rendição progressiva não só dos kwamatos, mas também dos evales e de outras tribos vizinhas. As mesmas fontes asseveram que o pós-guerra foi genericamente pacífico, sem represálias sobre as tropas no regresso ao Humbe (exceto um recontro que resultou na detenção temporária de onze kwamatos). O sentimento de dominação colonial, do europeu sobre o africano, fica bem expresso na seguinte passagem de Martins de Lima sobre a viagem de volta das tropas: “a pretalhada contemplava-nos com admiração, por termos conquistado em menos de dois meses o chamado povo invencível!”⁹⁸. No entanto, na verdade, Alves Roçadas foi forçado

⁹³ Castro, *A Campanha*, 180-181 e 234.

⁹⁴ FMS-DCD/RM, fotos 04498.006.039.002 e 040.001.

⁹⁵ Castro, *A Campanha*, 231-235. Penalva, “Como nós”, 11 de maio de 1908: 602-608.

⁹⁶ Lima, *A Campanha*, 213.

⁹⁷ Castro, *A Campanha*, 240-242. Lima, *A Campanha*, 213-214. Penalva, “Como nós”, 1 de junho de 1908: 686.

⁹⁸ Castro, *A Campanha*, 96-100, 113-114, 129-130, 136, 174-176, 202-203, 234, 266 e 271-272 (citação). Lima, *A Campanha*, 149, 166, 175, 186-187, 200, 205 e 208-210 e 222-223 (citação). Martins, “Palavras”. *A Campanha d’Africa*, 34, 36 e 42. Penalva, “Como nós”, 2 de março de 1908: 279-285, 16 de março de 1908:

a construir um novo forte guarnecido na região⁹⁹. Para Martins de Lima, a medida justificava-se, porque “os pretinhos deviam ficar aterrorizados e convencidos de que o governo se não esquecia deles e que mais dia menos dia lhe estava em cima”¹⁰⁰, o que evidencia também que a paz referida nos relatos de viagem era mais uma construção do ideário colonial, do que propriamente uma realidade (algumas fotografias apontam nesta direção como mostrarei mais à frente). Aliás, nos anos seguintes, os povos vizinhos, sobretudo os kwanyamas organizar-se-iam para levantar forte resistência ao invasor português¹⁰¹.

A fotografia procurou demonstrar esta pacificação e submissão dos nativos, com retratos de cerimónias de apresentação de kwamatos a oficiais portugueses, segundo as legendas, para jurar fidelidade. Em termos de composição, estas imagens normalmente apresentavam um conjunto de negros, amontoados, sentados no chão, defronte dum grupo menor de europeus em pé (uma das fotos parece captar uma dança executada por dois kwamatos), marcando claramente a distinção entre quem domina e quem é dominado¹⁰². Um outro momento importante de submissão captado pelas câmaras foi a assinatura do auto de vassalagem do novo soba do Cuamato Pequeno (o do Cuamato Grande conseguiu fugir), pelo qual este reconhecia a soberania nacional e aceitava pagar uma compensação (300 cabeças de gado por ano e entrega de todo o material de guerra)¹⁰³. As imagens (da cerimónia e do líder kwamato) destinam-se sobretudo a registar o simbólico momento, não apresentando nenhum detalhe de relevo, à exceção do facto de o líder africano trajar à europeia. Seria tentador entender nisto (mais) uma imposição do colonizador, para demonstrar a europeização do território; todavia, na verdade, os próprios líderes africanos aceitavam o vestuário europeu, como uma forma de obter prestígio. Sem mais dados, ambas as hipóteses são plausíveis.

Uma das fotos merece uma análise mais aprofundada¹⁰⁴. São novamente retratados o tenente Teixeira Pinto e a sexta companhia de auxiliares sob seu comando, mas o protagonismo é arrebatado (e reforçado pela referência na legenda) pelo conjunto de combatentes kwamatos aprisionados por Teixeira Pinto e colocados sob ferros. O detalhe do sistema de detenção é particularmente revelador duma demonstração de poder: os kwamatos estão imobilizados por correntes colocadas ao pescoço e ligadas entre si. Atrás, os soldados africanos da companhia de auxiliares realçam a diferença entre Outros: de pé, fardados (ainda que de forma não-uniforme), armados, com o olhar ao mesmo nível da perspectiva da objetiva, contrastam com os kwamatos, sentados no chão, cobertos de pó, cabisbaixos, olhando de baixo para cima e acorrentados pelo pescoço como animais.

Esta imagem acaba por contrariar a narrativa de tratamento amistoso para com os vencidos. Mais ainda, resume algumas das perspectivas apresentadas neste artigo:

345-351, 6 de abril de 1908: 441-447, 20 de abril de 1908: 505-512, 11 de maio de 1908: 602-608 e 1 de junho de 1908: 686.

⁹⁹ Pélissier, *As Campanhas*, 292.

¹⁰⁰ Lima, *A Campanha*, 211.

¹⁰¹ Pélissier, *As Campanhas*, 295.

¹⁰² FMS-DCD/RM, fotos 04498.006.039.001, 039.002 e 040.001. CAVE-CJVC, foto 1180. Existem ainda duas outras imagens que, segundo a sua legenda, mostram dois grupos de kwamatos dirigindo-se à apresentação ao comando português.

¹⁰³ *Ibid.*, 04498.006.033.001 e 042.001. Ver também: Lima, *A Campanha*, 214.

¹⁰⁴ FMS-DCD/RM, foto 04498.006.019.001, casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04498.006.019.001

a manifestação de poder e de dominação do português sobre o kwamato, a demonstração da *missão civilizadora* nas figuras dos soldados indígenas e a da ausência de *civilização* dos kwamatos e, como corolário, a existência de (pelo menos) dois Outros (o africano integrado nas forças portuguesas e o africano primitivo, castigado por resistir ao progresso).

2.5. A divulgação pictórica na imprensa

Como referi anteriormente, o periodismo ilustrado disseminou (com algumas semanas de atraso) os desenvolvimentos da campanha militar. A *IP* foi o principal divulgador pictórico dos detalhes de toda a operação (outros jornais como o *Ocid.* cobriram sobretudo a chegada dos militares portugueses). A outro nível, como também já indiquei, três livros ilustrados com imagens do conflito foram editados, se bem que o seu impacto na opinião pública não foi naturalmente tão expressivo.

As imagens eram acompanhadas de textos noticiosos/opinativos que as complementavam e que genericamente repetiam as mesmas representações evidenciadas nas narrativas de guerra. Para realçar o mérito das tropas portuguesas, descrevia-se os kwamatos como as “hostes mais destemidas e ferozes do continente negro”, que até à poderosa Alemanha causavam problemas, constituindo, pois, um inimigo “bravio, da pior espécie, regularmente disciplinado e de incomparável superioridade numérica”, lutando num território e clima inclementes para os europeus. Adicionalmente, referia-se que a vitória final fora acelerada pelo alegado tratamento digno dado aos vencidos e era uma demonstração evidente da capacidade colonial nacional¹⁰⁵.

De qualquer modo, a imagem tinha uma influência muito mais poderosa do que o texto. Em termos puramente materiais, uma fotografia na imprensa não difere muito duma fotografia avulso, pelo que aquilo que já referi atrás sobre as fotos das coleções Veloso de Castro e Pollatos também se aplica às reproduções na imprensa. Bem mais importante nesta análise é a escolha das imagens a publicar, que, feita de forma consciente ou inconsciente, é um ato político.

Daí que se possa afirmar que a representação do(s) Outro(s) nas páginas dos jornais foi ultrapassada pela homenagem a Alves Roçadas e seus subordinados, elevados à condição de heróis nacionais (o mesmo se podendo dizer também das narrativas da campanha editadas em livro). Os militares (fotos de grupo, do tratamento dos feridos, das manobras ou de material de guerra enquanto instrumento de poder) são, sem dúvida e sem surpresa, os grandes protagonistas da imprensa da época, como retrato vivo da vitória portuguesa, da posse do território através imposição da soberania nacional no sul de Angola e da desforra do massacre de 1904 (visível nas fotos que retratam a destruição das libatas e embalas encontradas durante o caminho ou a vassalagem do novo soba).

As imagens que focam a realidade africana são em menor número. Mostram simultaneamente a aridez da paisagem, reforçando as dificuldades enfrentadas durante a marcha e conseqüentemente a audácia do colonialista português, mas também o potencial económico da região (através de retratos de manadas de gado,

¹⁰⁵ “A campanha contra os cuamatas. Vitoria das armas portuguesas”, *Ocid.*, 10 de outubro de 1907: 218. “A guerra no Cuamato”, *IP*, 23 de setembro de 1907: 415. “Os vencedores do Cuamato”, *Ocid.*, 20 de janeiro de 1908: 11. Alberto Teles, “Campanha dos Cuamatas”, *Ocid.*, 20 de novembro de 1907: 253.

por exemplo). Este era reforçado com imagens de obras públicas (por exemplo, a ponte sobre o Cunene, ligando o Humbe ao forte Alves Roçadas ou a recepção em Moçâmedes) ou de momentos do quotidiano comum (a distribuição do correio entre as tropas), evidenciando a europeização/portugalização do território. A função de propaganda do Império (como local habitável e economicamente apeteçível) era comum, tanto na atividade fotográfica como na jornalística¹⁰⁶.

Em relação ao(s) Outro(s) africanos, as mensagens passadas não diferem muito daquilo que já referi previamente (realce do primitivismo e exotismo dos nativos, a *civilização* das tropas indígenas, a história de Calipalula), embora a predominância iconográfica dos militares atenuem o impacto destas representações. Importa, porém, realçar o que não foi publicado, nomeadamente a foto dos prisioneiros kwamatos (ver nota 104), que, na minha opinião, é a foto mais poderosa de toda a coleção. Posso especular que haveria um certo pudor da redação em publicar fotos que chocassem o leitor, visível também no facto de não se ter publicado a fotografia das ossadas dos massacrados de 1904 recolhidas pelos militares (se bem que outras imagens eventualmente chocantes, como a amputação duma perna a um soldado ou o monte de utensílios e armas pertencentes aos chacinados do Vau do Pembe o tivessem sido). Uma explicação mais rigorosa poderá ser a vontade de não mostrar o lado sombrio da colonização e obscurecer a realidade mais violenta da colonização¹⁰⁷. Além do mais, a foto desmentia as narrativas de tratamento digno e humano dos cuamatos capturados, bem como a de transição pacífica de poder dos nativos para os portugueses.

3. Conclusão

As fotos da *campanha do Cuamato* são de uma imensa riqueza e potencial analítico, por retratarem a relação entre o Eu e o Outro não só no contexto colonial, mas sobretudo num contexto de guerra (existem muitas outras coleções que registam essa interação na construção de obras públicas, no reconhecimento geodésico do terreno, na implementação de medidas sanitárias, etc.).

Ilustram e contribuem para o debate sobre o processo colonial português, não apenas como meras figuras ilustrativas da informação contida em documentos escritos, mas sobretudo como fontes primárias de pleno direito que, além de complementar, adicionam novos dados à informação retiradas das fontes escritas, através do primado duma cultura visual.

No caso em concreto da campanha de 1907 (e em conjugação com os documentos escritos que a acompanhavam), a fotografia foi determinante na interação entre o Eu português e o(s) Outro(s) africano(s) como instrumento de classificação destes últimos. Pela fotografia se solidificava pela materialidade visual a construção sociocultural do primitivismo do africano, como algo indesejável e negativo, que carecia de um processo de *civilização* pelos europeus (de algum modo já visível nas tropas auxiliares indígenas). Esta construção abria caminho não só para a justificação da *missão civilizadora*, mas também para o

¹⁰⁶ Martins, *Um Império*, 94 e 97.

¹⁰⁷ Cf. Landau, "Empires", 161.

estabelecimento de relações desiguais de poder, entre o branco, dominador, e o negro, dominado. Isto é óbvio nas imagens dos prisioneiros ou da vassalagem prestada após o conflito, mas também é visível de forma mais subtil noutras fotografias, que capturam a *lição do trabalho*, os negros em posição de submissão (carregando um europeu, por exemplo), os militares portugueses em posição central e de prevalência sobre os demais retratados ou grupos de negros posando estaticamente para a foto, em jeito de catálogo (e aqui com o detalhe adicional do corpo nu da mulher africana exposto aos olhos patriarcais não só do fotógrafo, mas também dos que vissem a imagem).

Esta construção mental, originalmente edificada para um número de olhos restrito, foi multiplicada através da imprensa ilustrada, que abriu dezenas de janelas na metrópole para o mundo colonial e deu aos habitantes metropolitanos, uma representação visual das colónias, neste caso de uma campanha militar para imposição de soberania nacional. Tendo em conta que a fotografia era considerada uma representação perfeitamente objetiva da realidade, aquelas representações do primitivismo atávico do africano, carente da orientação *civilizadora* do europeu e naturalmente subjugado ao seu domínio eram transmitidos como factos científicos e inegáveis.

Neste sentido, estas fotos (e eventualmente outras semelhantes, noutros contextos históricos), contribuem para o debate atual sobre a reflexão crítica sobre o colonialismo português e sobre as raízes históricas do racismo, bem como sobre o papel da História nessa discussão.

Aqui gostaria de terminar com uma reflexão sobre os usos dados a estas imagens em ambientes não-académicos. Recentemente, registaram-se duas iniciativas em torno das fotos da *campanha do Cuamato*. Uma, organizada pela Liga dos Combatentes em 2010, expôs um conjunto de fotografias para ilustrar “a tática [sic] das campanhas militares do início do século XX e as difíceis condições de sobrevivência dos soldados”¹⁰⁸. Já em 2018, Billy Woodberry realizou através da produtora *Divina Comédia* um curto fotodocumentário (intitulado *A Story from Africa*), onde recorreu às imagens do mesmo processo histórico, mas para “unleash the violent movements for conquer captured in the photographs” e “represent the point of view or subjective position of the Africans being depicted”, através do “tragic tale of Calipalula, the Cuamato nobleman essential to the unfolding of events in this Portuguese pacification campaign”¹⁰⁹. Em suma, o mesmo *corpus* iconográfico deu origem a duas iniciativas que passam mensagens completamente diferentes, conforme a direção do foco que escolheram. Não quero aqui julgar quem tem razão e quem não tem. Independentemente da (i)legitimidade das intervenções militares nas então colónias, é inegável que os soldados intervenientes arriscaram a sua vida, atravessando um terreno inóspito, onde muitos pereceram ou foram feridos e amputados, sendo natural e legítimo que associações de combatentes os queiram homenagear e evocar a sua memória. No entanto, sem embargo, é também necessário olhar para esta (e outras) coleções com uma mirada crítica, que procure agregar outras perspetivas, no sentido de proporcionar uma

¹⁰⁸ “Exposição em Lisboa retrata a ‘Campanha de Cuamato’”, *Mundo Português*, 6 de outubro de 2010, www.mundoportugues.pt/57487

¹⁰⁹ Billy Woodberry, “A Story from Africa”, *Divina Comédia*, 2018, acessado em 26 de abril de 2020, www.divinacomedia.pt/copia-a-story-from-africa

visão mais completa da História, que dê voz aos que a História por norma silenciou.

4. Siglas

CAVE-Cuamato – Campanha do Cuamato (Velloso de Castro), 1907, PT/CAVE/FOTO/2015/011, CAVE – Centro de Audiovisuais do Exército
 CAVE-CJVC – Coleção José Velloso de Castro, 1907, PT/AHM/FE/CAVE/VC/A10, CAVE – Centro de Audiovisuais do Exército.
<http://arqhist.exercito.pt/details?id=158369>
 DCD – *Diário da Câmara dos Deputados*
 FMS-DCD/RM – José de Almeida “Pesca-Rãs”, 1907, Campanhas do Cuamato de 1907, Documentos Carvalhão Duarte/Rocha Martins, 04498.006, Fundação Mário Soares.
http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_4399
 IP – *Ilustração Portuguesa*
 Ocid. – *O Ocidente*.

5. Fontes e referências bibliográficas

Fontes

“A campanha contra os cuamatas. Vitória das armas portuguesas”. *O Ocidente*, 10 de outubro de 1907: 218.
A Campanha d’Africa contada pelo Major Roçadas e outros guerreiros. Porto: J. Ferreira dos Santos, 1908.
 “A guerra no Cuamato”. *Ilustração Portuguesa*, 23 de setembro de 1907: 415.
 Campanha do Cuamato (Velloso de Castro), PT/CAVE/FOTO/2015/011, CAVE – Centro de Audiovisuais do Exército.
 Castro, Velloso de. *A Campanha do Cuamato em 1907*. Luanda: Imprensa Nacional, 1908.
 Coleção José Velloso de Castro, PT/AHM/FE/CAVE/VC/A10, CAVE – Centro de Audiovisuais do Exército. <http://arqhist.exercito.pt/details?id=158369>
 Cordeiro, Luciano. “O Nosso Álbum”. In *Africa Ocidental. Álbum Fotográfico e Descritivo*, editado por José Augusto da Cunha Moraes, I-IX. Lisboa: David Corazzi, 1885.
Diário da Câmara dos Deputados, 1867, 1889, 1890 e 1893.
Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino, 1893.
 José de Almeida “Pesca-Rãs”, 1907, Campanhas do Cuamato de 1907, Documentos Carvalhão Duarte/Rocha Martins, 04498.006, Fundação Mário Soares.
http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_4399
 Lima, David Martins. *A Campanha dos Cuamatos*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1908.
Malho (O), 1904.
 Martins, Rocha. “Palavras de um Herói”. *Ilustração Portuguesa*, 30 de dezembro de 1907: 865-872.
 “Os vencedores do Cuamato”. *O Ocidente*, 20 de janeiro de 1908: 10-11.
 Penalva, Álvaro. “Como nós vencemos no Cuamato”. *Ilustração Portuguesa*, vários números 1908: 42-768.
 Pinto, Serpa. *Como Eu Atravessei Africa*. Londres: Sampson, Low, Marston, Searle e Rivington, 1881.
 Teles, Alberto. “Campanha dos Cuamatas”. *O Ocidente*, 20 de novembro de 1907: 251-253.

Referências bibliográficas

- Adas, Michael. *Machines as the Measure of Men. Science, Technology, and Ideologies of Western Dominance*. Ítaca, NY: Cornell University Press, 1989.
- Alexandre, Valentim e Jill Dias (coords). “O Império Africano 1825-1890”. In *Nova História da Expansão Portuguesa*, editado por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, v. 10. Lisboa: Estampa, 1998.
- Anderson, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1983
- Azevedo, José Manuel de. “La Colonización del Sudoeste Angoleño del Desierto de Namibe al Planalto de Huíla, 1849-1900”. Doutoramento, Universidade de Salamanca, 2014. <http://gredos.usal.es/handle/10366/125978>
- Bastian, Jeannette Allis. “Reading Colonial Records Through an Archival Lens: The Provenance of Place, Space and Creation”. *Archival Science* 6 (2006): 267-284. <http://doi.org/10.1007/s10502-006-9019-1>
- Beegan, Gerry. *The Mass Image. A Social History of Photomechanical Reproduction in Victorian London*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2008.
- Bourdieu, Pierre. *O que falar quer dizer: a economia das trocas linguísticas*. Lisboa: Difel, 1998.
- Castro, M. C. “Hotentotes”. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 10. Lisboa: Verbo, 1987.
- Coleman, Kevin. *A Camera in the Garden of Eden. The Self-forging of a Banana Republic*. Austin, TX: University of Texas Press, 2016.
- Costa, Cátia Miriam. “O outro na narrativa fotográfica de Velloso de Castro: Angola, 1908”. *Culturas Populares. Revista Electrónica* 7 (2008): 1-18. Acedido em 25 de abril de 2020. www.culturaspopulares.org/textos7/articulos/costa1.pdf
- Daniels, Stephen e Denis Cosgrove. “Introduction: iconography and landscape”. In *The Iconography of Landscape. Essays on the symbolic representation, design and use of past environments*, editado por Stephen Daniels e Denis Cosgrove, 1-10. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- Daston, Lorraine e Peter Galison. *Objectivity*. Nova York: Zone, 2007.
- Day, John R. *Railways of Southern Africa*. Londres: Arthur Barker Ltd, 1963.
- Dias, Jill R. “Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914”. *History in Africa* 18 (1991): 67-82. <http://doi.org/10.2307/3172054>
- Diogo, Maria Paula e Dirk van Laak. *Europeans Globalizing. Mapping, Exploiting, Exchanging*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2016.
- Dubois, Philippe. *O Acto Fotográfico*. Lisboa: Vega, 1992.
- “Exposição em Lisboa retrata a ‘Campanha de Cuamato’”. *Mundo Português*, 6 de outubro de 2010. www.mundoportugues.pt/57487
- Franklin, Margery B., Robert C. Becklen e Charlotte L. Doyle. “The influence of titles on how paintings are seen”. *Leonardo: Journal of the International Society for the Arts, Sciences and Technology* 26, no. 2 (1993): 103-108. <http://doi.org/10.2307/1575894>
- Freire, João. *João Roby e o desastre do Vau de Pembe (Angola, 1904): um herói, um mártir, más tácticas, as circunstâncias imprevistas... e alguma inabilidade – Autópsia de uma derrota militar*. Lisboa: Academia da Marinha, 2017.
- Geary, Christraud M. “Photographs as Materials for African History Some Methodological Considerations”. *History in Africa* 13 (1986): 89-116. <http://doi.org/10.2307/3171537>
- Gewald, Jan-Bart. *Herero Heroes. A Socio-Political History of the Herero of Namibia, 1890-1923*. Oxford: J. Currey, 1999.
- Green-Lewis, Jennifer. *Framing the Victorians: Photography and the Culture of Realism*. Ítaca, NY: Cornell University Press, 1996.

- Guevara, Gisela. *As Relações entre Portugal e a Alemanha em torno da África. Finais do Século XIX e Inícios do Século XX*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006.
- Hayes, Patricia. "Vision and Violence: Photographies of War in Southern Angola and Northern Namibia". *Kronos. Southern African Histories* 27 (2001): 133-157. Acedido em 24 de abril de 2020. www.jstor.org/stable/41056672
- Headrick, Daniel R. *The Tentacles of Progress. Technology Transfer in the Age of Imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- Jerónimo, Miguel Bandeira. *The 'Civilising Mission' of Portuguese Colonialism*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2015.
- Kelsey, Robin. "Is Landscape Photography". In *Is Landscape...? Essays on the Identity of Landscape*, editado por Gareth Doherty e Charles Waldheim, 71-92. Nova York: Routledge, 2016.
- Landau, Paul S. "Empires of the Visual: Photography and Colonial Administration in Africa". In *Images and Empires. Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*, editado por Paul S. Landau e Deborah D. Kaspin, 141-171. Berkeley, CA: University of California Press, 2002.
- Lima, Maria Helena de Figueiredo. *Nação ovambo*. Lisboa: Aster, 1977.
- Marques, A. H. de Oliveira, ed. "O Império Africano 1890-1930". In *Nova História da Expansão Portuguesa*, editado por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, v. 11. Lisboa: Estampa, 2001.
- Martins, Leonor Pires. *Um Império de Papel. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada*. Lisboa: Edições 70.
- Matos, Patrícia Ferraz de. "A fotografia na obra de Mendes Correia (1888-1960): Modos de representar, diferenciar e classificar da 'antropologia colonial'". In *O Império da Visão. Fotografia no Contexto Colonial Português*, editado por Filipa Lowndes Vicente, 45-66. Lisboa: Edições 70, 2014.
- Miller, J. Mitchell. "Otherness". In *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*, editado por Lisa M. Given, 587-589. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2008.
- Mitchell, W. J. T. *Iconology: image, text, ideology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- Nunes, Maria de Fátima. "Portugal 1884-1894 – The circulation of ideas and idea systems. Photographic images of progress". In *Demonstrar ou manipular? O Laboratório de Química Mineral da Escola Politécnica de Lisboa na sua Época (1884-1894)*, 123-146. Lisboa: Livraria Escolar, 1996.
- Pakenham, Thomas. *The Scramble for Africa. White Man's Conquest of the Dark Continent From 1876 to 1912*. Nova York: Perennial, 2003.
- Pereira, Hugo Silveira e Bruno J. Navarro. *O Caminho de Ferro de Moçâmedes (1881-2015)*. Porto: Inovatec, 2020 (no prelo).
- Santos, Manuel Pinto dos. *Monarquia Constitucional. Organização e Relações do Poder Governamental com a Câmara dos Deputados (1834-1910)*. Lisboa: Assembleia da República, 1986.
- Rocha, Liliana Oliveira da e Patrícia Ferraz de Matos. "Fotografia Colonial: Materialidades e Imaterialidades Identitárias no Contexto Português". *Criar Educação* 7, no. 2 (2018): s.p. <http://doi.org/10.18616/ce.v7i2.4608>
- Ryan, James R. *Picturing Empire. Photography and the Visualization of the British Empire*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- Sena, António. *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*. Porto: Porto Editora, 1998.
- Sousa, João Pedro. *Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal: Um Contributo para uma História das Revistas Ilustradas Portuguesas (1835-1914)*. Porto: Media XXI, 2017.

- Tarde, Gabriel. *On Communication and Social Influence*. Chicago: University of Chicago Press, 1969.
- Todorov, Tzvetan. *The Conquest of America. The Question of the Other*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1999.
- Vicente, Filipa Lowndes. “O Império da Visão: Histórias de um Livro”. In *O Império da Visão. Fotografia no Contexto Colonial Português*, editado por Filipa Lowndes Vicente, 11-30. Lisboa: Edições 70, 2014.
- Woodberry, Billy. “A Story from Africa”. *Divina Comédia*, 2018. Acedido em 26 de abril de 2020. www.divinacomedia.pt/copia-a-story-from-africa